

Amonites

in casadasciencias.org/banco-imagens

CITAÇÃO

Magalhães, A. L. & Duarte, L. V. (2022)
Amonites,
Rev. Ciência Elem., V10(02):030.
doi.org/10.24927/rce2022.030

EDITOR

João Nuno Tavares
Universidade do Porto

RECEBIDO EM

29 de abril de 2022

ACEITE EM

29 de abril de 2022

PUBLICADO EM

15 de junho de 2022

COPYRIGHT

© Casa das Ciências 2022.
Este artigo é de acesso livre,
distribuído sob licença Creative
Commons com a designação
[CC-BY-NC-SA 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/), que permite
a utilização e a partilha para fins
não comerciais, desde que citado
o autor e a fonte original do artigo.

rce.casadasciencias.org



Qualquer fóssil tem o poder de nos maravilhar. É um silencioso testemunho que atravessou o tempo para nos lembrar um velho e sábio princípio, que a vida é efémera mas deixa a sua marca.

A fossilização, tal como a fotografia, é um processo de fixação que imortaliza por um demorado instante uma fugaz realidade. Nas palavras de Marguerite Yourcenar, o tempo é o grande escultor. Ele, na sua lenta sabedoria, vai moldando o Mundo e, após o milagre de um lampejo de vida, continua o seu eterno trabalho, esculpindo em rocha a obra que nós agora apreciamos e que inexoravelmente retornará a pó estelar.

Esta colónia de seres, outrora vibrante, foi imobilizada em cornucópias de base calcária e possui a força de nos atrair numa voragem hipnotizante para um tempo jurássico misterioso. O próprio grão desta imagem esbate os contornos das formas e acrescenta um ambiente feérico ao conjunto.

Aproveitemos, portanto, a oportunidade de contemplar esta bela imagem enquanto a química a vai erodindo lentamente.

Alexandre Lopes Magalhães
DQB/ Universidade do Porto

As amonites, cefalópodes que habitaram os ambientes marinhos da Terra, desde o Devónico ao final do Cretácico, são particularmente importantes na estratigrafia, já que os seus fósseis permitem datar as rochas/camadas em que se inserem. São considerados fósseis índice ou de idade, com enorme potencial no processo de correlação temporal, pelo facto de terem pertencido a um grupo taxonómico (Subclasse Ammonoidea) com elevada taxa de evolução, e com larga distribuição geográfica. A imagem (escala aproximada 1:1), mostra uma acumulação monoespecífica do género *Paltechioceras*, um fóssil que marca o final do Sinemuriano em Portugal, o segundo andar do Período Jurássico. Este registo paleontológico, inserido num calcário de grão fino e acumulado num ambiente marinho não muito profundo, é excepcional devido à abundância de exemplares, à sua disposição, e ao preenchimento calcítico, cristalino, dos fósseis, bem diferente do da rocha encaixante. É um sinal de que existiu toda uma história, bem complexa, após a morte dos organismos até à sua consequente fossilização.

Luís Vitor Duarte
MARE/ DCT/ Universidade de Coimbra

